

**VOZES E DONOS: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO
COM “DA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE”, DE
C.G.JUNG**

Adriana Facina*

* Antropóloga, professora do Museu Nacional/UFRJ, arteterapeuta junguiana em formação pelo Solaris e membro do CEJAA – Centro de Estudos Junguianos Análise e Arteterapia.

Introdução

Este artigo busca estabelecer um diálogo com o capítulo VII (“Da formação da personalidade”) do livro *O desenvolvimento da personalidade*², que reúne escritos produzidos por Jung entre 1910 e 1942. O capítulo que analisarei foi escrito em primeira versão como conferência, em novembro de 1932 e tinha como título original “A voz do íntimo” (*Die Stimme des Inneren*). Este título inicial me forneceu uma chave de leitura do texto, pautada na ideia de que o processo de desenvolvimento da personalidade é o encontro com essa voz do íntimo e as possibilidades de sua expressão.

Antes de desdobrar essa ideia, gostaria de comentar algo sobre o contexto histórico de produção desse texto. Em 1932, o nazifascismo estava em ascensão na Europa. Uma das características importantes do fascismo italiano e do nazismo alemão é a centralidade do líder carismático, seja *Il Duce* ou o *Führer*. Esse líder carismático representa o corpo da nação em sua máxima perfeição. Sua autoridade provém dessa representação, estabelecida de modo hierárquico, como uma ordem natural avessa a horizontalidades democráticas. O seu poder se funda no mito do herói militar e, no caso alemão particularmente, racial. Hannah Arendt, discutindo o “feitiço” exercido por Hitler em seus contemporâneos, afirma que:

O fascínio é um fenômeno social, e o fascínio que Hitler exercia sobre o seu ambiente deve ser definido em termos daqueles que o rodeavam. A sociedade tende a aceitar uma pessoa pelo que ela pretender ser, de sorte que um louco que finja ser um gênio sempre tem certa possibilidade de merecer crédito, pelo menos no início. Na sociedade moderna, com sua falta de discernimento, essa tendência é ainda maior, de modo que uma pessoa que não apenas tem certas opiniões, mas as apresenta num tom de inabalável convicção, não perde facilmente o prestígio, não importa quantas vezes tenha sido demonstrado o seu erro. Hitler descobriu que o inútil jogo entre as várias opiniões e “a convicção... de que tudo é conversa fiada”(p.281) podia ser evitado se se

² JUNG, C.G. 2013. *O desenvolvimento da personalidade* (vol. 17 Obra Completa). Petrópolis, Vozes.

aderisse a uma das muitas opiniões correntes com “inflexível consistência”. A arbitrariedade de tal atitude exerce um forte fascínio sobre a sociedade porque lhe permite salvar-se da confusão de opiniões que ela mesma constantemente produz. (...) (Arendt, 1978: 391-2)

Esse tipo de liderança política baseada em culto à personalidade se torna um fenômeno de massas e é potencializada pela presença cada vez mais intensa dos meios de comunicação e da indústria cultural na vida cotidiana dos países capitalistas avançados. A estetização da violência, por exemplo, alicerce do nazifascismo, é encenada e ressignificada nas peças de propaganda ideológica, representada de modo emblemático pela cinematografia de Leni Riefenstahl, notadamente *O Triunfo da Vontade* (1935).

A questão da personalidade era, naquele contexto histórico, problema urgente do ponto de vista psicossocial. Trata-se de um problema ao um só tempo individual e coletivo. Como é comum na obra junguiana, ele aborda essas duas dimensões de modo interligado, pois, se a prática psicoterápica tem o indivíduo como centro, não existe indivíduo isolado do mundo. E um indivíduo é também um mundo. Destarte, trabalhar a formação da personalidade é, a um só golpe, perceber como os indivíduos, com suas particularidades e histórias pessoais, constroem (ou não) suas personalidades e compreender como a busca por um líder nacional se converteu em algo comum a várias nações naquele contexto. De modo radical, para Jung todo fenômeno coletivo sempre tem por base a psique, que é individual e coletiva.

Percebo uma dupla preocupação no texto de Jung: contribuir para que os indivíduos se tornem personalidade e que, ao tornarem-se personalidade, necessitem cada vez menos de líderes de massa que os digam o que fazer. Em vários textos de Jung aparece essa ideia de que o processo de individuação é, simultaneamente, perceber-se parte de um todo e diferenciar-se de uma massa amorfa cujo comportamento não segue uma ética baseada no *Self*. A formação da personalidade envolve aprender a escutar e a seguir a voz do íntimo, o chamado da alma, e quanto mais modernizada uma sociedade, mais complexo esse processo. Aqui vejo como referência o processo formativo/educativo que os alemães, desde o Romantismo, denominam *Bildung*: uma autoconstrução calcada na experiência e na reflexão, que depende de interações com diferentes outros e elaborações internas do indivíduo consigo mesmo. Encontrar a voz do íntimo é uma viagem disponível a todos a todas

que queiram se aventurar em seus percursos, mas tão fascinante quanto dolorida, com promessas de uma felicidade a um só tempo sofrida e plena, que só se encerra (?) com a morte.

A voz do íntimo

Entendo a voz do íntimo como uma metáfora para a busca da personalidade. Nessa busca, encontrar essa voz, que também vai sendo formada no próprio caminho, é um processo que dura toda uma vida, que nunca termina. Enquanto tentava encontrar eu mesma um caminho para colocar minha voz na escrita deste artigo, me veio à memória uma música de Chico, cuja letra reproduzo abaixo:

A voz do dono e o dono da voz (Chico Buarque, 1981)

Até quem sabe a voz do dono
Gostava do dono da voz
Casal igual a nós, de entrega e de abandono
De guerra e paz, contras e prós

Fizeram bodas de acetato – de fato
Assim como os nossos avós
O dono prensa a voz, a voz resulta um prato
Que gira para todos nós

O dono andava com outras doses
A voz era de um dono só
Deus deu ao dono os dentes, Deus deu ao dono as nozes
Às vezes Deus só deu seu dó

Porém a voz ficou cansada após
Cem anos fazendo a santa
Sonhou se desatar de tantos nós
Nas cordas de outra garganta
A louca escorregava nos lençóis
Chegou a sonhar amantes
E, rouca, regalar os seus bemóis
Em troca de alguns brilhantes

Enfim, a voz firmou contrato
E foi morar com novo algoz
Queria se pensar, queria ser um prato
Girar e se esquecer, veloz

Foi revelada na assembleia – ateia
Aquela situação atroz

A voz foi infiel trocando de traqueia
E o dono foi perdendo a voz

E o dono foi perdendo a linha – que tinha
E foi perdendo a luz e além
E disse: Minha voz, se vós não sereis minha
Vós não sereis de mais ninguém

(O que é bom para o dono é bom para a voz)

Há várias coisas interessantes na letra que me remetem a Jung: o desencontro entre a voz e o dono se assemelham aos conflitos entre inconsciente e consciência, ou mesmo entre Self e ego; a falta de escuta que faz a voz abandonar seu dono e ele emudecer, perder a luz, a linha, o além me lembra o que acontece com o indivíduo quando não avança no seu processo de individuação na segunda metade da vida; apesar de ser infiel e abandonar o dono, a voz na verdade só poderia ser dele, pois cada indivíduo é uma singularidade, ainda que interconectado com o todo; os encontros e desencontros entre voz e dono podem ser comparados aos percalços da individuação, cujo caminho não é reto e luminoso, mas cheio de curvas, encruzilhadas, perdas, obstáculos, mortes e renascimentos; por fim, o que é bom para o dono é bom para voz pode também ser invertido, o que é bom para a voz é bom para o dono, se o caminho da individuação não é fácil, ele é necessário e o único capaz de conduzir o indivíduo a realizar seu propósito no mundo e de fato formar-se como uma personalidade.

No contexto da conferência de Jung, diferentemente da situação cantada por Chico Buarque, o impacto coletivo dos indivíduos não ouvirem sua voz íntima explica a emergência de uma política de massas que anula as designações (*Bestimmung*) desses sujeitos, que se diluem num conjunto amorfo e perigoso:

Quanto menor for a personalidade, tanto mais imprecisa e inconsciente se torna a voz, até confundir-se com a sociedade, sem poder distinguir-se dela, privando-se da própria personalidade para diluir-se na totalidade do grupo. A voz interior é substituída pela voz do grupo social e de suas convenções; em lugar da designação aparecem as necessidades da coletividade. (Jung, 2013: 189)

O perigo se materializa em catástrofes, guerras, massacres que Jung compreende como epidemias psíquicas:

A maior parte do psíquico consta de fatos inconscientes que, sendo duros e pesados como o granito, são imóveis e inacessíveis, mas podem desabar sobre nós a qualquer momento, conforme leis ainda desconhecidas. As catástrofes gigantescas que nos ameaçam não ocorrem nos elementos de natureza física ou biológica, mas são acontecimentos psíquicos. Ameaçam-nos de modo aterrador guerras e revoluções, que nada mais são do que epidemias psíquicas. (Jung, 2013: 189-90)

Igualar guerra e revolução aproxima o pensamento de Jung ao de Hannah Arendt (1978), ambos de matiz liberal. A revolução a que ele se refere é a Revolução Bolchevique de 1917 e em inúmeras obras ele fala do “bolchevismo” de modo similar ao fascismo, sendo até mais explicitamente crítico ao primeiro do que ao segundo. Arendt também aproxima comunismo e nazifascismo sob o conceito de totalitarismo. Discordo frontalmente de ambos, mas não desdobraremos esta discussão aqui.

Importa reforçar que, para Jung, as dificuldades que a sociedade contemporânea coloca para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos desemboca num “clamor pela personalidade”, demandas coletivas por heróis ou mitos que matem o dragão do perigo psíquico pressentido. Como não relacionar isso com nosso presente no Brasil? (Des)Governados por um mito, a pandemia de COVID-19 por aqui é também uma epidemia psíquica.

Como fazer frente a essas dificuldades para o desenvolvimento da personalidade? Jung disserta sobre a necessidade da educação para tal fim, mas o faz de um modo crítico, que se volta mesmo para os fundamentos patriarcais da família tradicional burguesa. Ao invés de tomar a criança como objeto da educação, Jung afirma que primeiramente são os pais que precisam ser educados.

Pais e filhos

O problema do desenvolvimento “daquela totalidade do ser humano à qual se dá o nome de personalidade” gerou uma preocupação generalizada, segundo Jung, com um ideal pedagógico da “educação para a personalidade”. Para criticar as

propostas pedagógicas que focavam na educação da criança, Jung inicia retomando o pensamento de Friedrich Schiller. De modo pioneiro, Schiller propôs, no século XVIII, uma educação estética do ser humano que permitisse produzir um impulso lúdico capaz de integrar razão e sentimento. (Schiller, 2019) Com essa referência, o psiquiatra suíço explicita sua concepção crítica em relação a uma pedagogia iluminista, voltada para a inflação da razão e sem conexão com as questões do inconsciente. Para ele, se há métodos pedagógicos tolos, é porque há adultos tolos. Portanto, sem investigar como se deu a formação desses adultos e educá-los adequadamente, o problema não terá solução.

Jung considera os pais incompetentes para a educação para a personalidade, permanecendo “a vida inteira meio crianças ou totalmente crianças.” (Jung, 2013: 179) Educar para a personalidade deve ser algo voltado para adultos e não para crianças. Muitos pais tentam fazer com que os filhos vivam suas vidas não vividas, cortando seus caminhos autônomos de desenvolvimento e o processo de encontrar sua voz íntima. Para evitar tal erro, os adultos necessitam estar sempre em formação, passando por um processo educacional que nunca termina. Em suas palavras,

Seria melhor não aplicar às crianças o elevado ideal de educar para a personalidade. A razão disso é que geralmente se vê na “personalidade” *a totalidade psíquica, dotada de decisão, resistência e força, mas isso é um ideal de pessoa adulta, que se pretende atribuir à infância.* Tal pretensão apenas pode ocorrer em uma época em que o indivíduo ainda está inconsciente da sua condição de adulto ou – o que é pior – procura conscientemente esquivar-se dele. Eu tenho minhas dúvidas quanto à real sinceridade desse entusiasmo pedagógico e psicológico, tal como se manifesta na época atual: fala-se da criança, mas dever-se-ia falar da criança que existe no adulto. No adulto está oculta uma criança, *uma criança eterna, algo ainda em formação que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação.* (Jung, 2013: 180-1)

Jung cita casos de pais que tiveram educação severa e repressora e compensaram essa experiência criando filhos com excessiva tolerância, sem perceberem que reproduziam, ainda que com sinal trocado, erros educacionais dos quais foram vítimas. Por isso, o marido de Emma afirma, de modo provocativo, que

Tudo aquilo que quisermos mudar nas crianças, devemos primeiro examinar se não é algo que é melhor mudar em nós mesmos, como por exemplo nosso entusiasmo pedagógico. Talvez devêssemos dirigir esse entusiasmo pedagógico para nós mesmos. (Jung, 2013: 181)

A personalidade só existe na criança como germe e para se desenvolver dependerá de tempo, experiências, reflexão. Ela precisa amadurecer, ser cultivada, passar por uma *Bildung* para se constituir. E somente após realizar sua personalidade um ser humano poderá educar outrem para a personalidade. Esta é o “melhor desenvolvimento possível da totalidade de um indivíduo determinado”, “a realização máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular”, “obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria”. Tornar-se personalidade é tarefa de uma vida, algo grandioso e também perigoso, pois requer uma “ousadia criminosa, do tipo prometeico ou luciferino”, pois é preciso transgredir e mesmo afrontar regras socialmente aceitas. São nossas ações durante a vida que tornam manifesto quem somos de verdade, em nossa maturidade. No entanto, esse processo é infinito, ele é um caminho e não uma meta, algo que, como a utopia para Galeano³, serve para nos manter caminhando em direção à sua realização. (Jung, 2013: 183)

Convenção x Criação

Como a voz do dono da música de Chico Buarque, a personalidade é fiel à sua própria lei, à sua designação. Ela só se desenvolve se a pessoa escolher seu próprio caminho e com uma decisão consciente e moral. É impossível não me lembrar de Paulo Freire aqui, com sua proposta de uma educação libertadora. Para patrono da Educação Brasileira, a educação libertadora tem como um dos objetivos principais que os seres humanos se gentifiquem e encontrem sua palavra, capaz de exprimir sua ação criativa e transformadora. Assim como Jung, em Freire tal processo é sempre inacabado, uma constante busca pela conscientização de seu propósito no mundo e de

³ Neste vídeo Eduardo Galeano explica a origem dessa concepção sobre a utopia: <https://www.youtube.com/watch?v=9iqj1oaKvzs> (visitado em 18 de abril de 2021)

prática individual e coletiva para a liberdade. E tal processo nunca se dá numa via de mão única: educador e educando ensinam e aprendem ao mesmo tempo, pois é a dialogicidade que expande os limites para o *ser mais*.⁴ Em ambas perspectivas, o processo pedagógico coloca o sujeito em confronto com as estruturas da sociedade, seja para fazer-se personalidade (Jung), seja para se libertar da opressão (Freire).

Acontece que, para Jung, a maioria das pessoas não escolhe seu próprio caminho, mas sim o das convenções sociais. Os que contrariam estas são os heróis, eremitas, loucos, artistas, lideranças políticas ou espirituais que com frequência manifestam os atributos demoníacos dos que se tornam personalidade, que agem de acordo com sua voz interior. As mudanças históricas são feitas por personalidades que se destacam das massas e isso não é algo individualista, mas de interesse coletivo. Podemos perceber ecos de Nietzsche e seu *Übermensch* aqui, o que confesso me causar incômodo, sobretudo se recordarmos do contexto histórico em que Jung está proferindo tais ideias. Importante notar, entretanto, que ele considera que a afirmação da personalidade sobre as convenções não traz em si o Bem de modo intrínseco. A voz interior pode frequentemente trazer um Mal, já que ela traz à consciência aquilo que sofre a totalidade. E reconhecer a presença desse Mal é o caminho para quem ele não se realize plenamente. Em seus termos,

A voz interior apresenta o mal de maneira tentadora e convincente a fim de conseguir que a pessoa sucumba a esse mal. Se a pessoa não sucumbe, nem ao menos parcialmente, então nada desse mal aparente nela penetra, mas também não poderá haver nenhuma renovação ou cura. (Eu chamo de “aparente” o mal da voz interior, o que pode parecer otimista demais.) Se o “eu” sucumbir inteiramente à voz interior, então seus conteúdos atuarão como se fossem outros tantos demônios, e segue-se a catástrofe. Se o “eu” sucumbir apenas em parte e puder salvar-se de ser totalmente devorado, fazendo uso da autoafirmação, então poderá assimilar a voz; e deste modo se esclarece que o mal era apenas uma aparência de mal, sendo na realidade o portador da salvação e da iluminação. “Luciferino”, no sentido próprio e menos dúbio da palavra, é o caráter da voz interior; por isso ela coloca o homem diante de decisões morais definitivas, sem as quais ele jamais atingiria a consciência e

⁴ Para uma excelente introdução aos conceitos de Paulo Freire ver Streck, D. R. et al (Orgs.). 2019. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

se tornaria uma personalidade. De modo imperscrutável acontece muitas vezes que se acham misturados na voz interior o mais baixo e o mais alto, o melhor e o pior, o mais verdadeiro e o mais fictício, o que produz um abismo de confusão, ilusão e desespero. (Jung, 2013: 198)

Por isso o alerta: o desenvolvimento da personalidade é um processo perigoso e que requer conscientização radical, reconhecimento e diálogo com a sombra, camada inconsciente mais próxima à consciência, e mesmo com os aspectos sombrios mais profundos do inconsciente. De todo modo, o que Jung afirma é quem sem encarar esse processo não há cura, nem criatividade, nem transformações individuais e coletivas. A criação exige desrespeito aos “mecanismos sem alma” que são as convenções. “A vida criadora fica sempre acima da convenção”, pois tais mecanismos mantêm-nas inconscientes e sujeitas às erupções destrutivas das massas. Para ser personalidade é necessário agir de modo alçado, criar caminhos guiados pela voz interior e dizer um “sim” consciente ao poder da designação interior. Essa consciência impede que se sucumba ao aniquilamento que ocorre quando tal designação é vivida de modo inconsciente pelo grupo. (Jung, 2013: 192)

De acordo com o mestre de von Franz, Cristo seria exemplo dos mais brilhantes de uma personalidade. Desde seu nascimento, o cristianismo se confrontou com o poderio romano, opondo a estas forças demoníacas uma religião cujo único princípio original era o amor. (Jung, 2013: 193)

Algumas palavras sobre neurose e alma

A crucificação de Cristo simboliza as dificuldades e perigos do fazer-se personalidade e seguir a designação, ainda que esta seja a do amor por todas as criaturas vivas. Então é comum haver resistências neuróticas a esse processo. Jung afirma que

a neurose é uma proteção contra a atividade interior da alma ou também uma tentativa de esquivar-se à voz interior e à designação, pela qual se paga um preço muito alto. Essa “excrescência doentia” constitui aquela atividade objetiva da alma que, independentemente da vontade consciente, gostaria de comunicar-se com a consciência por meio da voz interior a fim de conduzir o

homem de volta à sua totalidade. Por trás da distorção neurótica se oculta a designação, o destino e a formação da personalidade, a realização completa da atividade vital inata em todo indivíduo. O homem desprovido de amor ao destino (*amor fati*) é o neurótico. (Jung, 2013: 196)

O psiquiatra traz o caso de um homem cuja neurose se materializava no medo de um tumor. Este não era propriamente fruto de sua imaginação, mas expressão de uma atividade psíquica inconsciente que alertava para a falta de escuta da voz interior, perturbando o desenvolvimento da personalidade. A psicoterapia pode ajudar a criar uma escuta para essa voz íntima e para os significados das designações do destino dos sujeitos que, se forem aceitos pela consciência do analisando, podem destravar o desenvolvimento da personalidade. Ouvir e seguir a voz interior permite uma vida mais almada e de uma consciência mais ampla, o que é verdade tanto para grandes personalidades que conduzem mudanças históricas coletivas, quanto para as personalidades ordinárias e cotidianas. Essa ampliação da consciência tem sempre caráter curativo e transformador para o indivíduo. Jung cria duas imagens muito bonitas para representar essa ideia:

É como se um rio, que antes se perdesse em braços secundários e pantanosos, repentinamente descobrisse seu verdadeiro leito. Também se poderia comparar com uma pedra colocada sobre uma semente a germinar; tirada a pedra, o broto retoma seu crescimento normal. (Jung, 2013: 197)

O fim e o princípio

Jung termina seu texto com uma reflexão sobre o bom e o mau, demonstrando a relatividade desses valores morais se os analisarmos em perspectiva histórica. O que é mau em um determinado momento pode vir a ser bom, ou abrir caminho para o bom. A formação da personalidade não se deixa ser guiada por esses valores, pois ela é um processo trágico, dado que o demônio da voz interior significa simultaneamente o perigo máximo e o auxílio indispensável. A educação empreendida por pais, professores, lideranças religiosas frequentemente busca proteger as crianças desses perigos e orientá-las a trilhar caminhos mais seguros e já transitados. Mas como poderiam ser criados os novos caminhos para se chegar “ao que é mais alto e mais

seguro”, tal como o fazem o herói, o líder, o salvador? Podemos concluir, a partir dessas considerações, que a educação precisa ensinar a transgredir, para fazermos referência a bell hooks. (hooks, 2013) E, seguindo com hooks e Freire, imprimir os condicionantes de classe, raça e gênero nessa proposta para sairmos da rota do *Übermensch* a que se pode chegar sem a devida crítica contextualizada do texto junguiano. Caminhos diferentes estão disponíveis para pessoas com distintos marcadores sociais da diferença.

Num fim que também é princípio, pois novas sendas de reflexão se abrem, Jung associa a personalidade ao Tao. A imagem que simboliza o que a filosofia clássica chinesa chama de Tao é uma espécie de mandala sem centro, em permanente movimento, em que a interpenetração dos contrários se faz não apenas em bordas/fronteiras, mas no interior de cada uma de suas partes. O Yin contém o Yang e cabe dentro dele. Vice-versa também é verdadeiro. Caminho inescapável, mas que poder ser trilhado de incontáveis maneiras, por isso sempre mistério a ser descoberto. Sustenta Jung que

O caminho por descobrir é algo psiquicamente vivo, que a filosofia clássica chinesa denomina *Tao*, e comparando-o a um curso de água que se movimenta inexoravelmente para a meta final. Estar dentro do *Tao* significa perfeição, totalidade, desígnio cumprido, começo e fim, e a realização completa do sentido inato da existência. Personalidade é *Tao*. (Jung, 2013: 200)

Escrevo este texto em abril de 2021. No Brasil, a pandemia de COVID-19 faz mais de 3 mil mortos por dia e nos aproximamos de 400 mil vidas perdidas. Um governo, presidido por alguém que 30% da população aclama como mito, empreende iniciativas a favor da disseminação do vírus.⁵ Uma gente pouco sensível às mortes,

⁵ Em 20 de janeiro de 2021, o *Boletim Direitos na Pandemia* n.10 publicou um *Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil*, coordenado pela CONECTAS Direitos Humanos e pelo Centro de Pesquisas e Estudos de Direitos Sanitários (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública da USP. Ao analisar as normas e atos do governo federal com relação à pandemia em 2020, as pesquisadoras concluem que houve uma ação deliberada para a propagação do vírus no território brasileiro: “Ao longo do ano de 2020, coletamos as normas federais e estaduais relativas à Covid-19 com o intuito de estudá-las e avaliar o seu impacto sobre os direitos humanos, buscando contribuir com a prevenção ou a minimização de efeitos negativos. No âmbito federal, mais do que a ausência de um enfoque de direitos, já constatada, o que nossa pesquisa revelou é a existência de uma estratégia institucional de propagação do vírus, promovida pelo governo brasileiro sob a liderança da Presidência da República.” Em: https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf (Visitado em 13/03/2021)

espelhada em seu mito, caminha sem máscara, festeja e ora aglomerada, distribuindo a peste como cavaleiros do apocalipse. Milhões de desempregados, aossados pela fome, sem poder se dar ao luxo de atender ao imperativo tão comum nas saudações que nós, da classe média, trocamos: cuidem-se! Tanto Tânatos, pouco Eros. E nesse redemoinho de dor, angústia e raiva, o texto de Jung foi para mim um chamado. Uma convocação para a radicalidade da vida, que só aceita ser vivida plena. Somos a mesma sociedade que há anos se acomodava muito bem com os mais de 60 mil mortos de forma violenta por ano. A maioria negros e jovens, moradores de periferia, vítimas de violência estatal, que são também a maioria dos mortos na pandemia. Podemos incluir na contagem de corpos os indígenas, cujo massacre sempre pode ser renovado pela mais primitiva mineração ou pelos modernos empreendimentos à la Belo Monte. Se voltarmos mais atrás, chegaremos aos bandeirantes, pelourinhos e navios negreiros. Ou acertamos conta com essa história e criamos um fluxo mais bonito pro nosso rio coletivo, ou nossa epidemia psíquica de 500 anos vai persistir.

Termino com uma evocação. Que sejamos personalidades educadas para amar a vida de modo pleno. Que vozes historicamente silenciadas possam emergir e fazer novos donos neste país. Que nosso esperançar paulofreiriano seja a construção do novo mundo que preparamos em tempos sombrios, semeando a primavera que anunciará a chegada do verdadeiro Messias: o povo liberto! Como Diz Walter Benjamin em suas antifascistas teses *Sobre o conceito de história*, o messias não vem apenas como salvador. Ele vem como vencedor do Anticristo. (Benjamin, 1993: 224)

As “centelhas da esperança” a serem despertadas no passado, para continuarmos com Benjamin, são fundamentadas. Elas vivem em rastros, pistas, sinais na produção artística popular. Deixo aqui uma dessas pistas, que encerra meu texto abrindo nossa consciência para as sementes que precisam germinar, libertas das pedras que as esmagam. Urge educar a gente grande deste país para ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês, personalidades que nos constituem.

Histórias de Ninar Gente Grande

(Manu da Cuíca/Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie
Oliveira / Tomaz Miranda)

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô abre alas pros seus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões
São verde e rosa as multidões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasões do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de Cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô abre alas pros seus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões
São verde e rosa as multidões

Referências bibliográficas

- ARENDR, Hannah. 1978. *O sistema totalitário*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- BENJAMIN, Walter. 1993. “Sobre o conceito de História”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense. p. 222-232.
- HOOKS, bell. 2013. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo, Martins Fontes.
- JUNG, C.G. 2013. *O desenvolvimento da personalidade* (vol. 17 Obra Completa). Petrópolis, Vozes.
- NIETZSCHE, Friedrich. 2011. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SCHILLER, Friedrich. 2002. *A educação estética do homem*. São Paulo, Iluminuras.
- STRECK, D. R. et al (Orgs.). 2019. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.